

A territorialidade da prostituição em Belo Horizonte

*Luciana Teixeira de Andrade**
*Alexandre Eustáquio Teixeira***

Resumo

O artigo realiza um mapeamento da distribuição espacial da prostituição masculina e feminina em Belo Horizonte em três períodos. Durante o primeiro período, entre 1897, ano de fundação da cidade, até 1930, predomina a prostituição feminina nos cabarés situados em uma “região moral”. O segundo período compreende as décadas de 30 a 60, quando a prostituição feminina ainda predomina, mas entra em cena a figura do “homossexual valente”. Nesse período, a prostituição ocupa novas áreas da cidade, mas ainda se confina a regiões bem delimitadas. No terceiro período, que se inicia nos anos 70 e vai até os dias atuais, registra-se a emergência da prostituição masculina nos espaços públicos e semipúblicos da cidade e um espraiamento tanto da prostituição feminina quanto da masculina pela cidade, conquistando áreas consideradas nobres. Verifica-se ainda a emergência de novos tipos, como a travesti, o michê e as garotas de programas e uma significativa mudança nas relações entre os diversos atores envolvidos na prática da prostituição, marcadas agora por uma maior impessoalidade e profissionalização.

Palavras-chave: prostituição feminina; prostituição masculina; espaço público; Belo Horizonte.

* Doutora em sociologia, professora do curso de Ciências Sociais e do mestrado em Ciências Sociais da PUC Minas. E-mail: landrade@pucminas.br

** Mestre em Ciências Sociais, professor da PUC Minas, pesquisador do Centro de Referência e Estudos da Homocultura (Creh), de Belo Horizonte. E-mail: aeteixeira@hotmail.com

Abstract

The article looks into the spatial distribution of both male and female prostitution in the city of Belo Horizonte during three different periods. During the first period, from its foundation in 1897 to the year 1930, female prostitution is predominant, mostly in cabarets located in the “moral side” of the town. The second period stretches from the thirties to the sixties, when the “brave homosexual” figure comes into the open, side by side with the female prostitution which, although moving into new areas of the city, is still confined to a well-marked territory. During the third period, from the early seventies to the present, male prostitution emerges in public and semi-public spaces of the city, where both female and male prostitution will encroach before sprawling into the so-called noble areas. New types come on the scene, such as transvestites, hustlers and pickup girls, and a significant change is seen in the relationship between those involved in prostitution, now marked by greater impersonality and professionalism.

Key-words: *female prostitution; male prostitution; public space; Belo Horizonte.*

A territorialidade da prostituição em Belo Horizonte

Neste artigo procuramos mapear as atividades de prostituição feminina e masculina em Belo Horizonte desde a inauguração da cidade, em 1897, até o período atual. Trata-se de uma visão panorâmica de processos sociais de ocupação territorial de duração relativamente longa, até porque o exercício da prostituição em determinados lugares da cidade não está sujeito a mudanças constantes, uma vez que demanda a ocupação e conquista de territórios e sua respectiva identificação pelos clientes.

Para tanto, optamos por definir e trabalhar com três períodos. O primeiro teve início em 1897, ano da inauguração da cidade, e se encerrou no final da década de 20. O segundo iniciou-se na década de 30 e foi até o final da década de 60, o terceiro abrange dos anos setenta até atualmente. O primeiro período é marcado pela presença quase exclusiva da prostituição feminina praticada nos cabarés localizados nas partes baixas do centro da cidade. No segundo período, a prostituição feminina continua a predominar, mas entra em cena uma figura intermediária no tocante à prostituição homossexual masculina, o chamado “homossexual valente”¹. Nesse caso, a valentia

1 Sobre o homossexual valente, ver Rocha (1993).

se manifestava pelo uso da violência, fazendo com que o homossexual assumisse papéis ambíguos, ora aproximando-se do masculino, ora do feminino. Por faltar-lhe ainda um lugar reconhecido, até mesmo no mundo da vida boêmia e marginal, vale-se da valentia para se impor. Nesse período, a prostituição permanece nas partes baixas do centro da cidade, mas estende-se também para os bairros da Lagoinha e a região do Bonfim. O terceiro período, que compreende os anos 70 até hoje, foi marcado pela emergência da atividade homossexual nos espaços públicos e semipúblicos, como ruas, praças, parques, saunas, cinemas, boates e bares destinados aos homossexuais. Nas ruas, a prostituição feminina divide espaço com os travestis e os michês, homens que se prostituem com uma imagem ligada à virilidade (Perlongher, 1987). As partes mais baixas do centro continuam a acolher a prostituição, mas, como mais um lugar entre outros que surgem, verificam-se um espraiamento da prostituição e a conquista de novos espaços, alguns deles em áreas nobres da cidade. Passaremos agora a tratar mais detalhadamente de cada um desses períodos.

A prostituição controlada nos cabarés: 1897-1930

No Brasil do final do século XIX e início do XX, a prostituição e a exploração das prostitutas eram fortemente condenadas, mas, contraditoriamente, havia certa tolerância em relação à frequência dos homens nos cabarés, pois a sexualidade masculina (ao contrário da feminina) era vista como uma necessidade que precisava ser satisfeita. Era, portanto, um mal necessário. Outro discurso que explicava e justificava a prostituição era o social. A prostituição existia devido às desigualdades sociais, mas também a certo descontrole moral produzido nos ambientes das grandes cidades. Ainda que essas duas dimensões sociais aparecessem muitas vezes juntas, no primeiro caso enfatizavam-se a pobreza e o desemprego como causas da prostituição (Machado et alii, 1978) e, no segundo, a perda de referências morais tradicionais que a cidade, com seu anonimato e heterogeneidade, produzia. Nesse segundo discurso, a cidade foi representada como o lugar do vício e da perdição (Schorske, 1989).

Como sintetiza Machado, a prostituição era vista como fato natural e social. Natural por dar vazão aos instintos sexuais e “estar ligada ao organismo humano que, desde o pecado original,

tem como aspecto prevalente a carne”, e social porque “é produzida pela aglomeração humana, pelo funcionamento da sociedade”. Essas seriam as duas fontes da tão propalada idéia da prostituição como um mal necessário, que, durante esse período, orientou as ações de controle da prostituição pela sociedade e os poderes públicos. Trata-se de uma posição bastante ambígua. A prostituição era condenada, mas também tolerada. Em Belo Horizonte, como no Brasil, não era considerada crime, mas um comportamento que precisava ser objeto de controle e regulamentação pelas autoridades policiais e médicas, com o fim de evitar sua disseminação e exposição às “famílias de bem”. Entre as práticas de controle utilizadas, a principal foi a concentração das prostitutas em bordéis ou cabarés de uma determinada região da cidade, o que facilitava a vigilância policial e sanitária, além de tirá-las das ruas. Outra prática foi o fichamento na polícia, que também facilitava o controle e as intimidava (Moraes apud Andrade, 1987, p. 28).

Nas cidades brasileiras, a região que agrupava as atividades de prostituição e de boemia era chamada de zona. Nem sempre a zona comportava toda a prostituição da cidade, mas era o lugar mais conhecido e de maior concentração. Um forasteiro que chegasse em uma cidade à procura de sexo, perguntava apenas: “Onde fica a zona?” Em Belo Horizonte, a zona localizava-se na parte mais baixa da cidade (daí que “descer” significava ir à zona), próxima à Feira de Amostras (hoje rodoviária) e à Praça da Estação Ferroviária, mais precisamente na região que Pedro Nava denominou “quadrilátero da zona”, que ficava entre Ruas da Bahia, Caetés, Curitiba e Oiapoque. Entre as ruas destacavam-se a Guaiurus e a Avenida Oiapoque (Nava, 1985, p. 54).

Durante os dois primeiros períodos em análise, sabe-se da existência de outras casas de prostituição em bairros vizinhos à zona ou até mesmo em locais mais distantes e isolados. Mas, por se tratarem de casos raros, optamos por enfocar prioritariamente as regiões de maior concentração de casas de prostituição. As casas isoladas serão mencionadas apenas quando for notória a sua importância.²

2 Sobre outras casas de prostituição e lugares de boemia, ver a dissertação de Rita de Cássia Liberato (2000). A seguinte passagem de Pedro Nava, em *Beira-mar*, sobre as primeiras décadas do século XX dá bem a dimensão da existência, quase clandestina, de certos lugares de prostituição e de suas

O primeiro período é o que mais expressa as conseqüências da cidade planejada. Nessa época, o crescimento e a ocupação de Belo Horizonte foram relativamente controlados. Por ser uma cidade planejada e, principalmente, seguir os princípios higienistas que orientaram as reformas das cidades, Belo Horizonte tentará manter a prostituição sob o controle do “cabaré higienizado”.

O principal lugar da prostituição nesse período é o cabaré, casa que reúne várias prostitutas sob o controle de uma cafetina ou cafetão. Para atender a uma população heterogênea, criam-se cabarés de vários tipos. Alguns ofereciam também serviços de bar e *shows*. Um deles, o Rádio, possuía um diretor artístico, o francês André Dumanoir, responsável pela criação e distribuição aos frequentadores da revista *Risos e Sorrisos*.³ Em alguns cabarés mais elitizados aconteciam *shows* com cantoras famosas na época (Anjos, 1979, p. 212). Essas atividades artísticas e de entretenimento davam aos cabarés uma dimensão pública em que a prostituição ficava subentendida. Uma revista da época trouxe o seguinte anúncio de um cabaré: “O mais luxuoso e elegante cabaré da Capital. Frequentado pelos mais requintados boêmios: música, flores, alegria, vibração, sumptuosidade” (*Ilustração Mineira*, 1929). Os cabarés mais simples e baratos ofereciam apenas as prostitutas em pequenos quartos.

Essa hierarquia dos cabarés devia-se principalmente aos preços cobrados, mas também à nacionalidade das prostitutas e às suas condições físicas. Nessa época, a grande atração eram as

péssimas condições de higiene: “Sob a batuta do Florinécio vimos o fundo do fundo de Belo Horizonte. Ele conhecia bordéis mais vagabundos que o Curral das Éguas espalhados no Calafate, atrás do Doze, na Floresta, nos caminhos do Pipiripau; no Quartel, entre a rua Niquelina e o Raul Soares (...) no Bonfim, sobrepujando o Cemitério; no Carlos Prates, nas veredas da Gameleira, do Matadouro, do Acaba-Mundo, da Lagoa-Seca, da Lagoa-Santa, do Vira-Saia, do Quebra-Bunda. Eram lugares perigosos cheios de desordeiros, duma negralhada suspeita, de foragidos, de meganhas e de praças (...). As bebidas eram cachaça pura (...). Naquelas cloacas, além do perigo para o pêlo, havia o perigo para a saúde pois cada uiara desses antros era um saco cheio de treponemas, gonococos, bacilos do cancro mole, germes do jacaré (linfogranulomatose) fora a arraia miúda dos chatos, da sarna, da muquirana” (Nava, 1985, p. 90).

3 Essas informações foram retiradas das memórias do escritor Cyro dos Anjos, que chegou a colaborar com a revista (Anjos, 1979, p. 210). Infelizmente, não conseguimos localizá-la em nenhum arquivo da cidade.

prostitutas estrangeiras. O mais sofisticado e exclusivista dos cabarés era o Palácio, também conhecido como cabaré da Olímpia, nome de sua proprietária, uma espanhola de muitas relações com políticos e outros representantes da elite da cidade. Segundo Cyro dos Anjos:

Sua clientela compunha-se na maior parte de maridos malandros e de solteirões empedernidos que, depois da meia-noite, cerradas as portas do Clube Belo Horizonte, ali iam enganar o tédio. Um pequeno grupo, elegante, *blasé*, dominava o ambiente, monopolizando as cocotes de fama ou as vedetes de passagem pela Capital. (1979, p. 212)

Outros cabarés mais modestos eram o Rádio e o Capitólio, onde a cerveja substituía a champanhe e as prostitutas nacionais, as estrangeiras. Por fim, havia o Curral das Éguas, “um pátio largo para onde abriam, diretamente, quatinhos escuros, de uma só porta – o que de mais sórdido havia na Zona” (ibid., p. 256). Era comum que prostitutas comesçassem nos cabarés mais famosos e terminassem no Curral das Éguas, devido à própria idade, mas também a problemas de saúde, muitos deles ocasionados pelas doenças sexualmente transmissíveis ou pelo uso de drogas e bebidas.

Entre os freqüentadores dos cabarés destacavam-se o boêmio, o burguês amigo da cafetina e os freqüentadores esporádicos. Entre esses últimos, havia o estudante que experimentava o sexo pela primeira vez e também turistas vindos do interior do estado para conhecer os cabarés famosos pela presença de prostitutas estrangeiras.

A cafetina vivia do trabalho das prostitutas, sobre o qual mantinha estrito controle. Como contrapartida, oferecia proteção, além de desempenhar o papel de mediadora de conflitos entre as prostitutas e os poderes públicos (delegacias, instituições de controle sanitário) e entre as prostitutas e seus clientes. Era comum a cafetina ter de interferir junto a delegados para que as prostitutas de seu cabaré fossem soltas e também acompanhá-las a hospitais e clínicas médicas. Os motivos mais comuns das prisões eram as desordens, brigas entre as próprias prostitutas e entre elas e seus clientes. Havia também os problemas causados pelo uso e comércio de drogas. Esses eram motivos de conflito com a própria cafetina, uma vez que atraíam traficantes e a polícia, além de contribuir ainda mais para a decadência física das prostitutas.

Nos termos de Park (1987), a região dos cabarés era uma “região moral”, onde formas desviantes e marginais de vida eram toleradas e onde se podia ainda observar a mistura de classes que as reformas urbanas do final do século XIX e início do XX procuraram de todas as formas excluir. Como a reforma de Paris, por Haussmann, e do Rio de Janeiro, por Pereira Passos (1904), o planejamento de Belo Horizonte por Aarão Reis (1894) procurou destinar as áreas centrais e urbanizadas da cidade para os estratos médios e altos. Os mais baixos foram deslocados para a zona suburbana. A permanência dessas regiões boêmias (Montmartre, em Paris, Lapa, no Rio, Centro e depois Lagoinha e Bonfim, em Belo Horizonte) mostra a incapacidade dos poderes públicos de tudo controlar. Sobre a zona de Belo Horizonte, é interessante o depoimento de José Nava: “Neste bairro, pertinho da estação do trem de ferro, instalaram-se as mulheres de isca. Não haviam sido convocadas por Aarão Reis, mas se instalaram” (1969a).

Em 1912, uma instrução de um delegado de polícia revelava o caráter ambíguo do controle que se exercia. O delegado recomendava máxima vigilância às “pensões alegres”, para que ali não ocorressem “cenas de deboches, *visíveis ao público*, gritarias e palavrões incômodos e perturbadores da tranqüilidade das famílias” (grifo nosso, apud Andrade, 1987, p. 34).

Na segunda metade da década de 1910, aumentam as demandas por um maior controle da prostituição, principalmente pelos moradores do centro da cidade. Pedia-se o afastamento da prostituição e condenava-se, mais uma vez, a exposição pública das prostitutas, “fazendo exhibições que não deveriam transpor os umbraes de suas residências, já metendo no ridículo a circunvizinhança” (*O Diário*, apud Andrade, 1987, p. 35).

Em 1921, o delegado de polícia da comarca da capital casou as licenças para o funcionamento dos cabarés. Em 1927 criou-se a Delegacia de Costumes e Jogos, que passou a exercer um controle maior sobre as prostitutas. Elas foram proibidas de se postarem nas portas e janelas e de transitarem pelas ruas em “trajes menores”. Nesse ano foi criado o Serviço de Legitimação das Me-retrizes, responsável pelo registro de 733 prostitutas na capital. Segundo esses dados, 78,4% eram brancas, 88,4% brasileiras, 59,1% solteiras e 43,2% analfabetas (Andrade, 1987).

Ainda que de eficácia duvidosa, esse período foi marcado também pela tentativa de enquadrar os mais diversos comportamentos públicos nas áreas centrais da cidade. Exigia-se a inscrição dos mendigos e vendedores ambulantes em um serviço da prefeitura, proibia-se o comércio de aves nas zonas urbanas e suburbanas, bem como a freqüência ao Parque Municipal e nos bondes da cidade de pessoas ébrias, indigentes ou inconvenientemente trajadas. O principal instrumento dessas medidas eram as posturas municipais (ibid.).

Socialmente, o papel desempenhado pelo cabaré nesse final e começo de século foi o de dar vazão a sentimentos e emoções que a vida cotidiana, ainda muito tradicional e conservadora, não permitia. O que mais o sustentou foi o retorno garantido a essa mesma vida, até porque as idas aos cabarés eram, para a maioria dos seus freqüentadores, esporádicas (Seigel, 1992). E, ainda que houvesse clientes cativos, freqüentar os cabarés não significava para os homens uma mudança de vida e de identidade, ao contrário do que ocorria com as prostitutas, uma vez que na prostituição dificilmente havia retorno.

Havia poucas e vagas notícias sobre homossexualidade e muito menos sobre a existência de prostituição masculina. Em 1928, as estatísticas policiais registraram a prisão de 14 pederastas, sem dar maiores detalhes. Outras fontes falam de pederastas e de *cabaretiers* homossexuais. José Nava, em uma série de reportagens sobre a vida boêmia de Belo Horizonte, relata um episódio que teria ocorrido entre a cafetina Olímpia e o *cabaretier* argentino Fornari, “o pioneiro indócil e aflito dos *gays* em nossa capital”, que assustava os mineiros, uma vez que, nessa época, “era ser muito cara-de-pau, digno de pancada, um rapaz soltar plumas e desmunhecar-se pêlaí”. Segundo Nava, quando Olímpia o contratou, “manjou logo o seu caso. Mas Fornari deu-lhe a palavra de cavalheiro: ‘Non me gustan estas cosas, señora... Además seria una concurrencia desleal a las minas y quien ve caras non ve corazones...’” (Nava, 1969b).

A extensão da zona boêmia e o surgimento do “homossexual valente”: 1930-1970

O segundo período compreende a fase áurea dos bairros da Lagoinha e do Bonfim. A região da rua Guaicurus (parte baixa do centro da cidade) continuava, como até hoje, sendo ponto de prostituição, mas coube à Lagoinha e ao Bonfim o lugar de maior destaque nesse período, mais especificamente entre as décadas de 40 e 60 (Martins, 1999, p. 43). A Praça Vaz de Melo, porta de entrada da Lagoinha, atrás da rodoviária, era o centro dessa região, cujas ruas mais famosas eram Paquequer e Bonfim. Por se tratar de bairros vizinhos ao centro, o que se verifica é que a prostituição praticamente não muda de região, apenas desloca o seu cento.

Essas duas áreas eram pouco valorizadas devido à proximidade com as estações ferroviária e rodoviária, o Ribeirão Arrudas, a linha férrea e o Cemitério do Bonfim.

Na Lagoinha, somavam-se às casas de prostituição vários bares, restaurantes, cinemas e clubes de dança, pontos tradicionais de encontro de boêmios e artistas, que correspondiam à Lapa, no Rio de Janeiro (ibid., p. 49). Advém dessas características a sua percepção ambígua por parte da população, pois, ao mesmo tempo em que era conhecido negativamente pela prostituição, os boêmios também levaram fama e riqueza para o bairro (Medeiros, 2001).⁴

Lagoinha e Bonfim diferiam da região central, porque esta última era essencialmente comercial. À noite, as lojas fechavam e os cabarés abriam. Já a Lagoinha e o Bonfim eram bairros residenciais e, por isso, a prostituição causava muitos constrangimentos às famílias, provocando, inclusive, mudanças para o interior do bairro ou para outras regiões da cidade. Por essa razão, um artifício muito utilizado nas cidades do interior foi colocado em prática na Lagoinha e Bonfim: a luz vermelha nas portas das casas de prostituição para diferenciá-las das residências familiares (ibid.).

À semelhança da zona do centro, a Lagoinha atraía, em seus tempos áureos, grande diversidade de pessoas, uma vez que havia cabarés para todos os níveis sociais. A hierarquia desses cabarés

⁴ Para a descrição do bairro e das casas de prostituição desse período foi fundamental o trabalho de Regina Medeiros (2001).

não diferia da observada no período anterior. Segundo Medeiros, havia o *rendez-vous*, “casas discretas e requintadas que tinham ambientes para dançar, beber, quartos para o serviço sexual, ambientes para conversas íntimas” e as casas de baixo meretrício, em geral identificadas pela luz vermelha interna, onde “havia bebidas disponíveis; as mais baratas, como a cerveja e a cachaça, música, especialmente de eletrola, e quartos para os serviços sexuais”. As mulheres ficavam nas salas ou nas janelas, chamando os clientes. Em comparação com os *rendez-vous*, os preços eram mais baixos. Havia ainda as prostitutas que conseguiam seus clientes nas ruas e depois os conduziam aos hotéis da região que alugavam quartos para esse fim (ibid., pp. 68-69). Como no período anterior, as cafetinas cumpriam seu papel de controle, proteção e mediação.

Durante esse período, dois pontos de prostituição ganharam fama. Um deles ficava na rua Guaicurus, o *dancing* Montanhês. Nesse local, os fregueses ganhavam um cartão quando entravam e, a cada dança, o cartão era perfurado. No final, as dançarinas recebiam segundo esses registros. Não havia quartos para encontros. Estes eram marcados durante as danças para acontecer em hotéis da região.⁵ O outro lugar era a casa da Zezé, uma cafetina com ares austeros que, durante quatro décadas, manteve sua casa perto da Estação Ferroviária, na Avenida Francisco Sales, 432, bairro da Floresta. Sua casa era composta de duas grandes salas, onde ficavam “as meninas”, e de quartos onde se realizavam os encontros. Não havia bebidas nem músicas (Martins, pp. 65-66).

Como no primeiro período, entre os anos 30 e 60, os registros mencionam apenas a prostituição feminina. Não se tem notícia da existência de casas ou mesmo pontos de prostituição masculina. No entanto, um travesti violento marcou esse período. José Arimatéia Carvalho da Silva, conhecido como Cintura Fina, chegou a Belo Horizonte em 1953, vindo do Ceará. Frequentou as zonas boêmias da cidade, principalmente a Lagoinha. Sua marca principal era a valentia, que se devia, em grande parte, ao uso habilidoso

5 Casas como essas geravam dúvidas entre aqueles que a frequentavam pela primeira vez, como mostra esta passagem do romance *O encontro marcado*, de Fernando Sabino, sobre um cabaré em Belo Horizonte: “Algumas mesas em torno da pista de danças, uma orquestra, homens bebendo cerveja, mulheres espalhadas pela sala. Não tinha nada de mais, como numa festa qualquer. Aquelas eram as mulheres, as famosas mulheres da ‘zona’. Seriam todas prostitutas? Nenhuma delas estava nua ou sumariamente vestida” (1998, p. 51).

da navalha. Envolveu-se em muitas confusões e ações criminosas como brigas, lesões corporais, furtos, roubos e tráfico de drogas. Aplicava seus golpes nos freqüentadores da zona e se defendia com a navalha. Foi preso diversas vezes, cumpriu pena em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro.⁶

Segundo seu próprio relato, vestia-se como uma travesti:

Toda loura oxigenada, com meus brincos nas orelhas, meus balan-gandãs, minhas pulseiras, um sapatinho balé baixinho, uma calça bem apertada, preta, uma camisa bem decotada, com mamix nos peitos (...) a criatura chegava, me olhava e ficava em dúvida, não sabia se era homem ou mulher. (Entrevista)

Se praticou a prostituição, o que não é muito certo, essa não foi sua atividade principal, até porque, como mostram as entrevistas realizadas por Medeiros (2001) com antigos freqüentadores da Lagoinha, não havia clientela. A própria forma violenta assumida por Cintura Fina é reveladora das poucas possibilidades de expressão da homossexualidade nessa época:

A defesa natural começou derivada do ambiente que eu vivia. Mas eles me encaravam mais por ignorância, porque aqui eu fui o primeiro pederástico da zona (...) eu procurava me defender da melhor maneira possível. (Entrevista)

A região da Lagoinha e Bonfim teve seu período áureo nas décadas de 40, 50 e 60. A partir de 1970 inicia-se a sua decadência, que se acentua nos anos 80 com as intervenções urbanísticas no bairro. A mais radical delas foi a supressão da Praça Vaz de Melo por um entroncamento de viadutos. Como na região central, ainda existem casas de prostituição na Lagoinha e Bonfim, mas sem a centralidade exercida anteriormente.

⁶ Há muita semelhança entre Cintura Fina e Madame Satã, um homossexual carioca. Ambos eram negros, usavam a navalha, praticaram vários crimes e sofreram constantes perseguições da polícia. Sobre Satã, ver Rocha (1993).

A conquista de novos espaços pelos profissionais do sexo: 1970-2004

O terceiro período evidencia profundas transformações na atividade da prostituição e em sua localização. Enquanto, em períodos anteriores, a comercialização do sexo foi uma atividade predominantemente feminina e confinada em “regiões morais”, a partir dos anos setenta emerge a prostituição masculina, nas figuras de michês e travestis, altera-se consideravelmente a forma da prostituição feminina e há uma profunda reorganização espacial das atividades de prostituição na cidade.

Na região do “quadrilátero da zona”, os cabarés, que tiveram seu apogeu nas primeiras décadas do século XX, desaparecem por completo e uma nova forma de prostituição feminina, mais popular e menos requintada, surge nos chamados “hotéis de batalha”, estabelecimentos cujos numerosos quartos são alugados pelas prostitutas para a prestação do serviço sexual.

Nesses “hotéis” os vínculos entre as prostitutas e o “gerente” são mais impessoais do que os outrora mantidos entre as meretrizes e as cafetinas dos cabarés. As prostitutas têm autonomia para mudar de “hotel” e definir seus horários de trabalho da forma que acharem mais conveniente. Por sua vez, o gerente não tem obrigação de reservar quartos ou protegê-las, como faziam as antigas cafetinas. Entre eles se estabelece uma relação estritamente comercial, na qual compete à prostituta pagar a “diária” pelos quartos, e ao gerente a manutenção da segurança e da ordem (Medeiros, 2001). Mais racional e impessoal torna-se também a relação entre a prostituta e o seu cliente, evidenciada pela ausência de ambientes de socialização, tais como pista de dança ou bar (Musa, 2000), e pela curtíssima duração dos programas.

As mudanças observadas nos lugares de prostituição do centro da cidade são, em parte, resultantes da popularização dessa região. Outro nome dado aos “hotéis de batalha” é “sacolões” (*Plural*, 1999), termo pejorativo que alude à diversidade e quantidade de mulheres, seus baixos preços e à simplicidade ou precariedade dos estabelecimentos, tal como o “Curral das Éguas” do primeiro período.

Na região da Lagoinha e Bonfim ainda existem alguns *rendez-vous*, mas decadentes e menos freqüentados do que antes. Apesar da degradação desses estabelecimentos, as prostitutas que aí traba-

lham se consideram melhores que as dos “hotéis de batalha” e as de rua, pois seus clientes são simpáticos, conversadores e com melhor situação financeira, o que tornaria o ambiente menos impessoal se comparado ao dos “hotéis de batalha” e das ruas (Medeiros, 2001).

Nos anos setenta intensifica-se a prostituição de rua: primeiro de mulheres e depois de travestis, na Lagoinha, Bonfim e Centro. As mulheres que faziam “ponto” nessas regiões, principalmente no Centro, eram consideradas prostitutas em “final de carreira”, por serem mais velhas e menos belas do que as dos *rendez-vous*. Os programas, normalmente baratos, ocorriam nos chamados “hotéis de alta rotatividade” (hotéis precários, que funcionavam como motéis) localizados no Centro, ou no próprio carro do cliente.

Já as travestis encontravam mais dificuldades no exercício da prostituição do que as mulheres. Muitos “hotéis de alta rotatividade” e motéis da cidade ainda têm, nos dias atuais, restrições ao seu acesso, por serem consideradas violentas e causadoras de problemas (Girão e Lima, 1999). Nas ruas, havia o receio de o próprio cliente de ser visto ou reconhecido ao contratar um programa com uma travesti. Por isso, ao longo dos anos setenta, as travestis preferiam as ruas do Centro às do Bonfim, pois alguns clientes optavam por fazer o primeiro contato num local mais anônimo, de passagem e com poucas residências.⁷ Segundo entrevistas realizadas, as travestis mais bonitas, conhecidas como “as perigosas”, ocupavam pontos mais valorizados da região Centro-Sul, próxima à Savassi, e “as assombrosas” ficavam em pleno Centro, a apenas alguns quarteirões do “quadrilátero da zona”.⁸

Já as travestis que preferiam ficar nas proximidades do bairro Bonfim faziam “ponto” na frente de hotéis e casas de prostituição, principalmente na Rua Paquequer, ao lado de prostitutas mulheres, uma estratégia utilizada para não estigmatizar o lugar (Medeiros, 2001).

Para realizar os programas, as travestis levavam os clientes para algumas casas localizadas no Bonfim, administradas por cafe-

7 O centro de Belo Horizonte ganha feições de metrópole a partir dos anos 50, com o expressivo crescimento econômico e populacional, que redefiniu significativamente a sociabilidade e o uso dos espaços da cidade (Lemos, 1994).

8 Entrevistas efetuadas para a pesquisa “Memória das identidades e dos espaços homoeróticos de Belo Horizonte”, realizada pelo Centro de Referência e Estudo da Homocultura de Belo Horizonte (Creh).

tinhas e destinadas à sua moradia e trabalho. Esses lugares se diferenciavam dos *rendez-vous* e cabarés, pois o contato e a negociação com o cliente, geralmente, eram feitos na rua e nunca dentro da casa. Isso porque, ao contrário da prostituição feminina, que ainda é uma atividade valorizada em certos círculos sociais masculinos, principalmente como afirmação de poder e masculinidade, a prostituição de travestis não possui a mesma legitimidade. Isso afastava (e ainda afasta) os clientes dos locais que carregam o estigma dessa atividade ou onde poderiam ser reconhecidos. Mesmo tendo um local para morar e executar o trabalho, a travesti tinha de ir à rua em busca de clientes.

Passados mais de vinte anos, a prostituição de travestis e mulheres nas ruas dessas três regiões continua existindo, com duas pequenas distinções: o desaparecimento, ao longo dos anos oitenta, das casas de travestis localizadas no Bonfim, e a mudança dos “pontos” nas ruas desses bairros.

Mas, além da presença mais ostensiva dos homossexuais masculinos, a mais significativa mudança desse período foi a expansão da prostituição de travestis e de mulheres para as zonas mais nobres da cidade, como o bairro Mangabeiras, em especial na avenida Afonso Pena e a região da Savassi, que passaram a concentrar as boates destinadas às chamadas “prostitutas de luxo” ou “garotas de programa”. São boates que, como as demais, oferecem música eletrônica, bebidas e comidas, mas onde as “garotas” – todas muito novas – fazem *shows* e circulam pelas mesas dos clientes. Elas não mantêm nenhum tipo de contrato com o gerente, o que o livra da acusação de explorar a prostituição, e os encontros são marcados nas boates, mas para acontecerem em outros locais, geralmente em motéis. Ao sair, o cliente paga uma taxa chamada de “*couvert* artístico”. Apesar do alto preço dos programas, a vida da maioria dessas “garotas” não é nada fácil. Uma garota com menos sorte ou atrativos pode passar uma semana inteira ou mais sem fazer um único programa. Além disso, gastam muito com roupas e o cuidado com o corpo. Uma pesquisa realizada com as prostitutas de uma dessas boates da região da Savassi revelou o lado menos glamouroso da vida dessas meninas. A maioria se veste e se apresenta como se fosse de classe média, mas pertence a famílias pobres, que residem em bairros periféricos da cidade. Algumas iniciaram curso superior, mas poucas o concluíram, devido às dificuldades em conciliar a faculdade com o ritmo

de vida da prostituição. Muitas têm filhos e nenhuma conta com a ajuda do pai da criança, aliás, a figura mais ausente de suas vidas. E, ao contrário do que se imagina, poucas conseguem auferir um salário que mude sua condição de origem, dados os gastos que são obrigadas a fazer para conquistar seus clientes (Duarte et alii., 2004).⁹

O comércio de sexo, principalmente de mulheres e travestis, também se expande, nesse último período, para a região norte da cidade, próxima à lagoa da Pampulha. Isso pode ser explicado em parte pelo acentuado crescimento dessa região nos últimos 30 anos e pela grande quantidade de antigos motéis. O lugar reúne um grande número de prostitutas mulheres e travestis das mais variadas idades e com diversos tempos de inserção na prostituição (*Plural*, 1999). Há informações, ainda que difíceis de confirmar, de que existem algumas casas de “prostituição de luxo” nas proximidades da Lagoa da Pampulha.

Por fim, nesse último período se consolidam a prostituição de michês e a definição de seus territórios. O termo “michê” é utilizado para designar um tipo específico de homem que se prostitui com uma auto-imagem e representação ligadas à masculinidade e virilidade (Perlongher, 1987).

O michê, *boy*, garoto de programa ou simplesmente “GP”, normalmente, não se considera homossexual, porque constrói sua masculinidade (papel de gênero) a partir de um comportamento sexual ativo. Essa construção é válida, mesmo que seu cliente seja um homem e desde que este adote um comportamento sexual passivo.¹⁰ Além do mais, muitos não se consideram profissionais do sexo, encarando a prostituição como uma atividade secundária ou provisória (ibid.).

9 Essas informações foram extraídas de uma pesquisa realizada por alunas do curso de Jornalismo da PUC Minas para o trabalho de conclusão de curso. Numa dessas boates, puderam entrevistar várias “meninas”, assim chamadas devido à idade, na faixa de vinte e poucos anos. Uma dificuldade que enfrentaram foi dar continuidade às entrevistas, pois raramente encontravam, na semana seguinte, a menina que haviam entrevistado na semana anterior. Na busca de novos clientes, elas mudam com bastante frequência de boate e, algumas delas, de cidade (Duarte et alii 2004).

10 Segundo Fry (1982), esse seria um dos sistemas de representação da sexualidade brasileira, por ele denominado modelo hierárquico, que comporta dois personagens para o sexo masculino: o “homem” e a “bicha”. Para o autor,

Os “pontos” de prostituição de michês se concentram na área delimitada pela Avenida do Contorno, no centro e hipercentro da cidade, e correspondem a locais como saunas *gays*, boates GLBTS¹¹ e algumas ruas, praças e parques públicos dessas regiões.

Há pelo menos sete saunas *gays* em funcionamento na cidade, nas quais é possível encontrar garotos de programa e seus eventuais clientes (todos homens), dividindo espaço com outros homens que praticam a chamada “pegação”, o tipo de interação social mais comum nesses lugares.¹²

Os vínculos entre os *boys* e os administradores das saunas são tão ou mais impessoais quanto os existentes entre as prostitutas e os gerentes dos “hotéis de batalha”. Os michês não são funcionários desses estabelecimentos. Muitos pagam ingresso para entrar, como se fossem fregueses convencionais, e praticam a prostituição informalmente. Entretanto, em algumas saunas, os michês mais jovens e atraentes podem entrar sem pagar, com autorização do proprietário ou administrador, pois são vistos como atrativo para aumentar o número de freqüentadores da casa. Trata-se de uma troca de favores que beneficia o proprietário e o michê.

Algo semelhante foi verificado em relação à presença de garotos de programa em algumas boates GLBTS, das quais também não são funcionários e pagam pelo ingresso como qualquer freqüentador convencional, mas, diferentemente do que ocorre nas saunas, o contato e a negociação com seus clientes são menos extensivos e evidentes.

As pesquisas mais recentes sobre a prostituição na cidade não registram a existência de estabelecimentos comerciais voltados exclusivamente para a prostituição masculina, ao contrário do ob-

“no ato sexual, o ‘homem’ penetra, enquanto a ‘bicha’ é penetrada (...) o ato de penetrar e o de ser penetrado adquirem nessa área cultural, através dos conceitos de ‘atividade’ e ‘passividade’, o sentido de dominação e submissão (...) o ‘homem’ nesse sistema cultural pode manter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo (i.e., relações homossexuais) sem com isso perder seu *status* de ‘homem’ na medida em que assume o papel ‘ativo’ na relação” (Fry, 1982, p. 90).

11 Sigla para *gays*, lésbicas, bissexuais, transgêneros e simpatizantes.

12 A “pegação” é uma gíria que designa o intercurso sexual efêmero, ocasional ou impessoal, que se dá entre dois homens, sem que haja compensação financeira de qualquer espécie, como ocorre na prostituição (Teixeira, 2003).

servado em relação à prostituição de mulheres. Daí a utilização muito mais freqüente, por esses profissionais, dos espaços públicos da cidade.

Não se trata de qualquer espaço público, mas de territórios muito bem delimitados, os chamados “pontos”. Alguns michês e travestis, por exemplo, ocupam a Praça Raul Soares e ruas adjacentes, entre o Centro e o bairro nobre de Lourdes. Outro território dos michês é um conjunto de ruas próximas ao Parque Municipal, conhecidas como “autorama” ou “oito”, termos que aludem, respectivamente, à intensa circulação de carros guiados por homens à procura de michês e ao sentido de circulação de trânsito dessas ruas.

Outros michês utilizam o interior do Parque Municipal, no centro da cidade (Gois, 2003), para a prática da prostituição. Apesar de ser um espaço de uso exclusivamente diurno e controlado por seguranças municipais, serve à dissimulação dos garotos de programa e seus eventuais clientes. A ocupação de locais mais desertos e equipados com aparelhos de ginástica, por exemplo, não chama a atenção de outros usuários do parque, já que michês simulam a prática de exercícios físicos, enquanto clientes em potencial circulam pelos jardins ou descansam em bancos. Os entrevistados se referem aos michês que trabalham nesse local como “malandros” e “perigosos”. Há várias referências a assaltos, brigas e ameaças entre os michês e entre estes e seus clientes. Os programas podem ser feitos no próprio local, dentro de cabines nos banheiros, mas normalmente se dão em alguns dos “hotéis” e motéis do centro da cidade ou na casa dos próprios clientes.

Os *boys* que utilizam os espaços públicos para se prostituir tentam controlar o uso dos mesmos em relação à circulação e permanência de outros homens para a prática da “pegação”. A presença de homens que buscam outros para um relacionamento sexual ocasional, sem cobrar por isso, é vista como “concorrência desleal” pelos que praticam a prostituição.

Além do mais, os garotos de programa que fazem ponto em ruas, praças e parques são contratados majoritariamente por clientes homens, já que as clientes mulheres preferem, por razões de segurança e privacidade, segundo Perlongher (citado por Arent e Strey), os “serviços em domicílio” contratados por meio de agências especializadas ou diretamente através de anúncios publicitários.

Aliás, os meios de comunicação de massa têm sido amplamente utilizados não só por michês, mas também por garotas de programa e travestis, como uma alternativa de divulgação de seus serviços. Os anúncios em jornais, revistas e *sites* na Internet substituem, em certa medida, a utilização do espaço físico da cidade no que se refere ao primeiro contato com os clientes, já que os anúncios são feitos para seduzir e informar os potenciais interessados. A negociação do programa e as eventuais dúvidas são tratadas pelos clientes diretamente com os profissionais ou com intermediários através de números telefônicos disponibilizados nos anúncios. Nesse tipo de prostituição, o cliente e a(o) prostituta(o) normalmente só se encontram no dia, horário e local combinados para a execução do programa.

A utilização de anúncios pode aumentar os ganhos financeiros, além de desgastar e expor menos os profissionais do sexo, já que não precisam se deslocar à procura de clientes. Para as travestis, o anonimato que os anúncios possibilitam atrai clientes que não gostam de se expor contratando esse serviço na rua. De certa forma, compensam a escassez de espaços a que sempre estiveram sujeitos pelo estigma aplicado a essa atividade.

Considerações finais

Belo Horizonte, como muitas outras cidades brasileiras, teve, no início do século XX, a atividade de prostituição concentrada em uma região da cidade que poderíamos chamar, retomando Robert Park, de uma “região moral” (1987).

Passados mais de cem anos, essa região continua sendo um lugar de prostituição, ainda que tenha sofrido, juntamente com o próprio Centro, um processo de decadência. A cidade se expandiu para fora de sua zona urbana projetada, novas centralidades foram criadas e a prostituição também se expandiu, conquistando novos espaços, ainda que sem uma permanência que os transformasse em uma “região moral”.

Duas outras importantes mudanças merecem ser registradas. A primeira diz respeito à emergência da prostituição de travestis e michês em estabelecimentos privados, mas, principalmente, nos espaços públicos da cidade. A segunda refere-se às relações entre os atores envolvidos – cafetinas, prostitutas, gerentes de hotéis, tra-

vestis, michês e proprietários de saunas. Como em outras atividades, as relações tornaram-se mais impessoais e profissionais. A relação cafetina/prostituta, que marcou as primeiras décadas do século XX com um forte envolvimento pessoal (base inclusive da exploração e do controle da cafetina sobre a prostituta), desaparece nos “hotéis de batalha” e nas boates em que os gerentes administram os negócios para seu patrão com uma distância e uma racionalidade comuns a qualquer empresa.

O espraiamento das atividades de prostituição ganha uma outra dimensão com a utilização de anúncios em jornais, revistas e *sites* na Internet, que substituem os espaços da cidade no primeiro contato, mas a cidade, em seus diversos espaços, continua sendo o *locus* dos encontros.

Referências

- ANDRADE, L. T. de (1987). *Ordem pública e desviantes sociais em Belo Horizonte (1897-1930)*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte, Departamento de Ciência Política (mimeo.).
- ANJOS, C. dos (1979). *A menina do sobrado*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- ARENT, M.; STREY, M. N. (2001). *Introdução ao tema da prostituição masculina*. Disponível em: <http://copsa.cop.es/congreso-soiberoa/base/social/soct117.htm> Acesso em: 5 out.
- CREH (2003). *Memória das identidades e espaços de sociabilidade homoeróticos de Belo Horizonte*. Projeto de pesquisa. Belo Horizonte, Centro de Referência e Estudos da Homocultura (mimeo.).
- DUARTE et alii (2004). *A cidade não dorme*. Monografia de conclusão de curso. Departamento de Comunicação Social da PUC Minas.
- FRY, P. (1982). *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- GOIS, A. J. (2003). *Parque Municipal de Belo Horizonte: público, apropriações e significações*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, Departamento de Ciências Sociais, PUC Minas.

- GIRÃO, A. F. e LIMA, F. P. (1999). *Nem azul, nem rosa: uma leitura de marketing na prostituição travesti*. Monografia de conclusão de curso, Departamento de Comunicação Social, PUC Minas.
- Ilustração Mineira* (1929) n. 8 e 9, nov/dez. Belo Horizonte.
- LEMOS, C. B. (1994). A construção simbólica dos espaços da cidade. In: MONTE-MÓR, R. L. de M. et alii. *Belo Horizonte: espaços e tempos em construção*. Belo Horizonte, Cedeplar/PBH (Coleção BH 100 anos).
- LIBERATO, R. de C. (2000). *Segregação espacial da atividade marginal: a localização da zona boêmia belo-horizontina em 1940/50*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte (mimeo.).
- MACHADO, R. et alii. (1978). *Danação da norma: a medicina social e a constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal.
- MARTINS, F. (1999). *Senhores ouvintes, no ar... a cidade e o rádio*. Belo Horizonte, C/Arte.
- MEDEIROS, R. (2001). “O Bonfim da prostituição: a presença ambivalente do outro”. In: MEDEIROS, R. (org.). *Permanências e mudanças em Belo Horizonte*. Belo Horizonte, PUC Minas/Autêntica.
- MUSA (2000). *Relatório final: práticas sexuais e reprodutivas de profissionais do sexo na “zona grande” de Belo Horizonte e a prevenção às DST/HIV/Aids*. Belo Horizonte (mimeo.).
- NAVA, J. (1969a). No ar havia alguma coisa de Paris – a cidade e o tempo quente I. Belo Horizonte. *Estado de Minas*, dez.
- _____ (1969b). A quermesse macabra ou a Zizinha saudades eternas do Mingote – a cidade e o tempo quente (Fim). Belo Horizonte, *Estado de Minas*, 17 de dez.
- NAVA, P. (1985). *Beira-mar: Memórias IV*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- PARK, R. E. (1987). “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. In: VELHO, O. G. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Guanabara.
- PERLONGHER, N. (1987). *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo, Brasiliense.
- Plural, Cadernos de debate* (1999). Prostituição: trajetória e vida das profissionais do sexo. Belo Horizonte, ano VI, n. 11, mar.

- ROCHA, G. (1993). *Honra e valentia no mundo da malandragem*. Dissertação de mestrado, Departamento de Sociologia da UFMG.
- SABINO, F. (1998). *O encontro marcado*. 69 ed. Rio de Janeiro, Record.
- SCHORSKE, C. E. (1989). A cidade segundo o pensamento europeu: de Voltaire a Spengler. *Espaço e Debates*, ano IX, n. 27.
- SEIGEL, J. (1992). *Paris boêmia: cultura, política e os limites da vida burguesa: 1830-1930*. Porto Alegre, L&PM.
- TEIXEIRA, A. E. (2003). *Territórios homoeróticos em Belo Horizonte: um estudo sobre interações sociais nos espaços urbanos da cidade*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte, Departamento de Ciências Sociais, PUC Minas.

Recebido em ago/2004
Aprovado em set/2004